

AMOR OU LOUCURA? EU E O OUTRO, POR *MEDEIA*, DE EURÍPEDES, E ELIZE MATSUNAGA

Francisca Luciana Sousa da Silva⁴

Resumo

Duas belas mulheres, versadas em artes mágicas ou curativas – magia e enfermagem – relacionam-se com estrangeiros e deixam a casa paterna para seguir com eles. Elas, por sua vez, são tomadas de amor e guiadas pelo ciúme: agem por impulso da ira. Temem pela segurança dos filhos: uma prefere matá-los a vê-los padecer nas mãos de estranhos (seus inimigos); a outra mata o marido ao ser humilhada e ter a guarda da filha ameaçada. Sucumbem ante a traição e o ultraje do Outro – relação de estranheza e ambivalência. Ambas padecem de descontrole emocional, mas agem racional e meticulosamente: do planejamento à execução de seus crimes. São peritas na ação criminosa que engendram, mas com desfechos distintos. Causam mal-estar entre os seus e os outros. São tomadas por monstros. Como cada uma dessas mulheres (*Medeia*, de Eurípedes, e Elize Matsunaga) vê o Outro e o que o Outro vê nelas? O que as identifica? É o que pretende apontar o presente artigo⁵.

Palavras-chave

Amor, Loucura, Ciúme, Identidade, Alteridade, *Medeia*, Elize.

Abstract

Two beautiful women, skillful at the arts of magic and healing – sorcery and nursery – engage themselves in a relationship with foreign men and abandon the house of their fathers to follow them. Both women are overwhelmed by the power of love and completely driven by jealousy: they act by the impulse of pure rage. Both of them are worried about their children's safety: one of them would rather kill them instead of seeing them in the hands of strange people (her enemies); the other one assassinates her own husband when he humiliates her and threatens to take her daughter's custody. They both fall before the betrayal and outrage of the Other One – a strange and ambivalent relationship. Both women are emotionally out of control but nevertheless they act in a rational and meticulous way: from the planning stage to the very execution of their crimes. They are experts on their criminal actions, but each outcome is different. They caused unease among their people and others as well. They are seen as monsters. How does each of these women (Euripedes' *Medea* and Elize Matsunaga) see the Other One and what does the Other One see in them? What does identify them? This article intends to find the answers to these questions.

Keywords

Love, Madness, Jealousy, Identity, Otherness, *Medea*, Elize.

4 Graduada em Letras pela UFC, pós-graduanda em Estudos Clássicos pela UnB/ARCAI, especialização a distância, mestranda em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC.

5 Comunicação individual apresentada na XXVI Semana de Estudos Clássicos, "Identidade e Alteridade no Mundo Antigo", de 17 a 22 de agosto de 2012.

Amor ou Loucura? Eu e o Outro por *Medeia*, de Eurípedes, e Elize Matsunaga

*Odeio e amo. Por que o faço, talvez pergunte.
Não sei. Mas sinto-o. E excrucio-me.
Catulo, Carme 85*

Qual meu lugar no mundo? E qual o lugar do outro? Eu e o Outro somos um? O que nos diferencia? E o que nos aproxima? Por que aceitar o ultraje, o abandono, a traição? Por que silenciar a dor? Não há lugar para o ódio? Seria a vingança um desvio patológico? Em que medida? Qual a natureza do crime ou quais seriam os crimes contra a natureza dita humana? A imagem da alteridade reflete ou fere minha identidade? O ser mulher depõe contra mim ou me afirma como tal? Treze questões e um desafio: ser e estar no mundo – híbrido, violento, movido por diferentes interesses, entre eles, o capital. Nesse sentido, proponho-me a discorrer sobre o amor e/ou a loucura que movem duas mulheres e as relações de identidade e alteridade que as atravessam; portanto, relações de gênero em gêneros narrativos distintos: tragédia e reportagem policial.

Da Cólquida a Corinto; de Chopinzinho, interior do Paraná, a São Paulo. Travessias em transe. Duas mulheres errantes, seguindo de exílio em exílio, questionando o pátrio poder e a condição da mulher, buscando escrever uma nova história.

Segundo Walter Benjamin, em *Escritos sobre mito e linguagem* (2011:90-91), no ensaio intitulado “Destino e Caráter”, “Cada um pode ser visto como o outro. Nesta reflexão, longe de serem considerados teoricamente separados, destino e caráter coincidem (...). Se alguém tem caráter, então seu destino é, no essencial, constante.”

Neste trabalho, busco perceber se há, de fato, essa coincidência no destino e no caráter de *Medeia* e Elize observando e analisando os sinais, mais ou menos evidentes, em cada uma. Assim, tento reconhecer bem como compreender a identidade e a alteridade dessas mulheres.

Duas belas mulheres, versadas em artes mágicas ou curativas – magia e enfermagem, respectivamente –, relacionam-se com homens de outra cultura e origem⁶ e deixam a casa paterna para seguir outro caminho, erigir o próprio destino ou forjá-lo, alterá-lo⁷. Elas são tomadas de amor e guiadas pelo ciúme: agem por impulso da ira. Temem pela segurança dos filhos: uma prefere matá-los a vê-los padecer nas mãos de estranhos, seus inimigos (um dos motivos); a outra mata o marido ao ser humilhada e ter a guarda da filha ameaçada. Sucumbem ante a traição e o ultraje do outro – cinismo de Jasão, ameaças de Marcos –, suscitando relações de estranheza e ambivalência (tanto *Medeia* quanto Elize encenam ou dissimulam, para uma dada audiência, aquilo que de fato são: mulheres traídas e abandonadas, ou na iminência de sê-lo – antes de perpetrarem a vingança

6 Jasão é estrangeiro, vindo do reino de Iolcos, na Tessália; Marcos é de São Paulo, sua cidade natal, mas de ascendência japonesa.

7 *Medeia* foge da Cólquida com Jasão, Elize sai do Paraná e vai “tentar a sorte” em São Paulo, onde conhece Marcos.

alimentada pela ira). Ambas padecem de descontrole emocional, mas agem racional e meticulosamente: do planejamento à execução de seus crimes. São peritas na ação criminosa que engendram, embora apresentem desfechos distintos: enquanto Medeia sai ilesa fugindo no carro do Sol puxado por serpentes, indo encontrar exílio em Atenas; Elize deixa rastros e acaba confessando o crime dois dias depois de ter sido presa. Ainda assim, as duas causam mal-estar entre os seus e os outros: são tomadas por monstros. Fascinantes e terríveis em suas ações, seduzem e devoram, qual serpente marinha: “(...) o monstro marinho, o duplo maléfico da mulher.” (Camille Dumoulié, “Medusa” In BRUNEL, 2005: 623)

Cumpra destacar essa imagem da mulher e da serpente, tanto no texto literário de Eurípedes quanto nos vasos pictóricos, quando aludem ao carro de serpentes ou dragões, animais marinhos e terrestres, intimamente relacionados com Medeia, que exerce domínio mágico sobre eles. Antes mesmo de Eurípedes, há imagens do mito de Medeia que fazem essa associação, como nos vasos atenienses de figuras negras que retratam Jasão e a serpente⁸. Há muito se conhecia seu caráter de maga impressionante, movida por um intenso *páthos* que resultou no filicídio, um dos elementos diversos do mito original, segundo o qual os filhos teriam sido vitimizados pela população de Corinto a fim de vingar a morte de Glauce, filha de Creonte. Eurípedes seria o mais antigo a tratar do filicídio, provocando, por um lado, repúdio (a tragédia ficou em terceiro lugar no festival de teatro ateniense); suscitando, por outro, questionamentos (a patologia da maga da Cólquida reflete psicose ou altruísmo? Há, de fato, loucura ou lucidez na vingança perpetrada contra Jasão?).

Outro paralelo possível é com o mito de Medusa. Medeia (haveria uma raiz comum para esses nomes?) faz uso de máscaras para ocultar sua real persona diante de Creonte e, posteriormente, de Jasão, quando da execução de seu plano para assassinar Glauce. Esta é refletida no espelho ao tomar os adornos malditos: véu (peplo) e coroa (grinalda), sendo incendiada pelo *phármakon* terrível de Medeia. O terror da violência se dá no olhar que petrifica, conforme se lê nos versos 1.156-1.175ss, na tradução de Trajano Vieira.

Ao contemplar o luxo, convenceu-se a conceder o que Jasão pedisse, e, antes de o grupo se ausentar, tomou da túnica ofuscante e a vestiu; depôs nas tranças o ouro da guirlanda; devolveu, ao espelho, os fios rebeldes; exâmine de si, sorriu ao ícone. Não mais no trono, cômodo após cômodo, equilibrava os pés de tom alvíssimo, sumamente radosa com os rútilos, fixada em si às vezes, toda ereta. Eis senão quando armou-se a cena tétrica: sua cor descora; trêmula, de esquelha retrocedia; prestes a cair no chão,

8 “Alguns aspectos de la performance de Medea de Eurípedes”, conferência proferida por Juan Tobías Nápoli, Universidad Nacional de La Plata/Argentina, no XVIII Congresso Nacional de Estudos Clássicos realizado pela SBEC na cidade do Rio de Janeiro, de 17 a 21 de novembro de 2011.

*encontra apoio no espaldar. Supondo-a possuída por um nume, quem sabe Pã, a velha escrava urrou antes de ver jorrar da boca o visgo leitoso, o giro da pupila prestes a escapulir, palor na tez. A anciã delonga o estrídulo num contracanto; à morada do pai corre uma ancila, enquanto alguém do grupo busca o cônjuge, para deixá-lo a par do acontecido. No paço ecoa a rapidez dos passos.*⁹

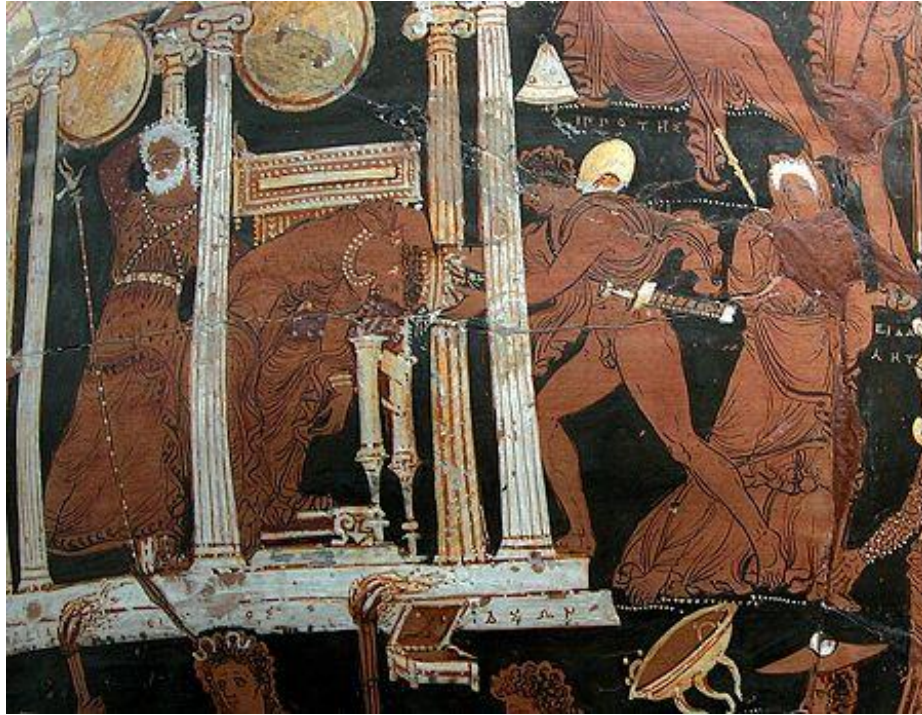


Fig. 1 Morte de Creonte e de sua filha. Detalhe de cratera com volutas, de figuras vermelhas, atribuída ao Pintor do Mundo Subterrâneo. Apúlia. Data: -330/-320. Munique, Antikensammlung. Créditos: Barbara McManus, 2005.

9 Daniel Rinaldi, (Universidad Nacional Autónoma de México) muito bem analisou a imagética de Medeia na conferência “Epigramas efrásticos de Medeia. Literatura y artes plásticas” no encerramento da XXVI Semana de Estudos Clássicos “Identidade & Alteridade no Mundo Antigo”. Para ele, “o mito de Medeia oferece a matéria à poesia dramática e esta à pintura.”



Fig. 2 Morte dos filhos de Medeia e sua posterior fuga. Detalhe de cratera com volutas, de figuras vermelhas, atribuída ao Pintor do Mundo Subterrâneo. Apúlia. Data: -330 / -320. Munique, Antikensammlung. Créditos: Barbara McManus, 2005.¹⁰



Fig. 3 Creusa e os filhos de Medeia. Água forte de René Boyvin. Data: 1525/1610. Fonte: não informada.

Feitas essas considerações, suponho ser possível entrever o caráter e o destino de Medeia e Elize, contudo, ainda segundo Benjamin:

10 RIBEIRO JR., W.A. *Cenas da Medeia de Eurípides*. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. Disponível em <www.greciantiga.org/img/index.asp?num=0967>. Acesso: 04/11/2012.

Assim como o caráter, o destino não pode ser inteiramente percebido em si mesmo, mas apenas em sinais, pois – mesmo que este ou aquele traço de caráter, este ou aquele encadeamento do destino possa se oferecer à vista – o conjunto visado por esses conceitos não está disponível senão nos sinais, na medida em que ele se situa além do que se oferece imediatamente à vista.

(op. cit. 90)

Elas são rés confessas: Medeia comete crime familiar para abrir caminho a Jasão; depois de traída, fere mortalmente a rival e, por tabela, o pai tirano desta, para ferir moralmente o traidor. Recorda outro crime cometido em prol do herdeiro de Iolcos – assassinato de Pélias, usurpador do trono de Jasão – e trama um derradeiro golpe para fazê-lo pagar por tamanha ingratidão: tirar-lhe os herdeiros e, com isso, a garantia de perpetuação do nome. Elize, por sua vez, não fere mais ninguém a não ser o marido. Todo o seu ódio é desferido contra ele. Qual Medeia outrora¹¹, Elize esquarteja Marcos, depois de acertá-lo com um tiro de pistola. A pizza da morte¹² sinaliza, senão atesta, que “a vingança é um prato que se come frio”.

A despeito da ação criminosas que engendram, pode-se dizer que ambas são “mulheres fortes, capazes de lutar pelos princípios em que acreditam, não se submetendo a imposições de ordem social, econômica ou cultural, sem perder as características da feminilidade”, assim como as personagens Lavínia e Itzá na obra *A mulher habitada*, de Belli (Zinani, 2006: 21). Corroborando as palavras da autora, constata-se “a importância da conscientização feminina sobre a necessidade de subverter os costumes e os mitos tradicionais (é o que faz Eurípedes), tais como as costumeiras subserviências femininas, a discriminação no estabelecimento dos papéis sociais, o eterno feminino e a tradição tão cara aos românticos referentes à idealização da mulher.” (idem).

Amor ou loucura? Medeia, “ferida no coração pelo amor a Jasão”, na tradução em prosa de Miroel Silveira e Junia Silveira Gonçalves, padecerá pela injúria sofrida, nutrindo a vingança como pena para seu algoz. O cálculo da vingança em Medeia será proporcional à dor sofrida, e a ira, acompanhada de razão. Ela ainda questiona o papel da mulher, em particular a condição de mãe e esposa (até mesmo a de filha), além do fardo de ser estrangeira e seguir sendo *ápolis* (a sem cidade). Não há lugar para ela. Ela é aquela que não tem lugar.

EU

Florabela Espanca

*Eu sou aquela que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,*

11 Contra o irmão Apsirto (ou Absirto), na fuga da Cólquida, e contra Pélias, vitimado pelas próprias filhas (ludibrio de Medeia).

12 O casal havia pedido uma pizza logo que Elize chegou de viagem.

*Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...*

*Sombra de névoa tênue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!*

*Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber por quê...*

*Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver,
E que nunca na vida me encontrou!*

(Livro de Mágoas, 1919)

Os versos da poetisa portuguesa traduzem o tom pungente da fala de Medeia antes que ascenda e agigante a flama da fúria (Cf. VIEIRA, 2010: 33). A sábia, fleumática e passional assim se apresenta à ama e ao coro de mulheres, mas de modo diverso aos três interlocutores principais: Creonte, Egeu e Jasão. Medeia representa uma persona diante desses três personagens. Ela opera um jogo de máscaras (ou seria teatro de sombras?) no qual identidade e alteridade se confundem. A maga da Cólquida “representa o papel de mãe abandonada com os filhos pelo ex-marido”. Tal performance, segundo Trajano Vieira (p. 169), denota que “a patologia de seu estupor mental impulsiona as diretrizes falsas que ela indica a seus interlocutores.”

A um tirano ela pede um dia; a outro, exílio e juramento; ao “sórdido dos sórdidos” (v. 465), convence a levar os filhos à presença da noiva e entregar-lhe presentes. A bárbara, estrangeira, outra vez banida, manipula a fala e o lugar do Outro, sugerindo uma “identificação ambivalente”, uma “ambivalência do desejo pelo Outro: duplicado pelo desejo na linguagem”, uma “fissão da diferença entre Eu e Outro”, a “extremidade do sentido e do ser, a partir dessa fronteira deslizante de alteridade dentro da identidade (...).” (“Interrogando a identidade” In BHABHA, 1998: 85-86).

Esses e outros postulados de Homi K. Bhabha, em *O local da cultura* (1998) fundamentam, no âmbito da antropologia e dos estudos culturais, o discurso ora apresentado, no que tange à condição da mulher e às relações de poder no Mundo Antigo, ainda prementes no mundo contemporâneo. Zinani (2006: 24) reitera essa perspectiva: “A análise da situação cultural da

mulher é relevante no sentido de verificar como ela vê o outro, como é vista pelo grupo dominante e, conseqüentemente, por si mesma”. Por isso o texto de Eurípedes é a expressão do inovador e do subversivo, mesmo transcorridos tantos séculos.

E quanto a Elize Matsunaga? Diferente de Medeia, ela não era uma princesa de ascendência divina (Medeia é neta do Sol; filha de Eetes, da linhagem de Sísifo; filha de Eydia, uma oceanida), tampouco foi raptada ou fugiu com um herói lendário. De origem humilde, ela foi criada pela mãe; aos 18 anos, mudou-se para a capital do Paraná onde fez um curso técnico de enfermagem. Trabalhou num centro cirúrgico e de lá seguiu para São Paulo. O período que engloba a chegada à capital paulistana e o envolvimento com Marcos é desconhecido. Segundo alguns noticiários, ela teria sido garota de programa e foi nessa condição que Marcos Matsunaga a conheceu, contratando seus serviços por meio de um site de busca. Por três anos mantiveram um relacionamento clandestino, até que ele decidiu assumir a amante e divorciar-se da primeira esposa. Já casados, levavam uma vida de aparente normalidade e harmonia, conforme depoimento de amigos e parentes do casal. Em 2011, ela graduou-se em Direito, mas nunca trabalhou, pois o marido preferia assim.

O ciúme, porém, imiscuiu-se na vida conjugal. Brigas constantes, desconfiança, pedido de demissão de funcionária. O casamento começou a ruir em 2010 e só se recuperou com o nascimento da filha. A sombra da traição, porém, ganhou projeção.

Ela informou-se acerca do divórcio com um advogado da família, contratou um detetive particular pouco antes de viajar para Chopinzinho, sua cidade natal, sob o pretexto de apresentar a filha pequena à mãe e aos demais parentes. A família de nada desconfiava. Em dois dias, estava de volta em São Paulo com a babá e a filha. Na cobertura de mais de 500 metros quadrados na Vila Leopoldina, Zona Oeste de São Paulo, dispensada a ajudante, ela confrontou o marido. Foram trocadas acusações, ameaças foram feitas, até que um estampido silenciou Marcos e redefiniu o destino de Elize.

Após o crime, revelou uma carta que soa como resposta à matéria de capa da revista VEJA: “Mulher fatal”, de 13 de junho de 2012, cuja reportagem especial tem por título “Fim do conto de fadas” (p. 84-85).

Falam que o conto de fadas acabou. Perganto: qual conto de fadas? Não me lembro de ter lido em 'Cinderela' que o príncipe a humilhava. Não me lembro de ter lido que o príncipe tirou a princesa do lixo e que ela deveria, por causa disso, ser submissa as suas vontades perversas e humilhantes porque se tornara sua esposa. Não me lembro de ter encontrado em algum capítulo que malhar é descartável. Não me lembro de ter lido em contos de fadas que a princesa seria morta pelo príncipe caso inventasse de levar a filha para outra cidade no caso de separação. Não me lembro de ter lido em contos que a princesa era ameaçada de morte pelo príncipe e que sentia um medo imenso de acontecer o mesmo que acontecesse com sua ex-esposa, porém dessa vez não iria errar.

Ea não tenho o direito de tirar a vida de ninguém, e nada justifica isso. Mas também sei que tenho o direito de defender a minha vida e, principalmente, a da minha filha. Me arrependo por ter sido tão injusta e ter cometido algo que não posso voltar. Me arrependo por aquele ato impensado que só trouxe o caos. Já estou pagando pelo que fiz e com a moeda que eu mais temia: ficar longe da minha filha.

Fig. 4 Carta publicada em perfil de rede social. URL: <<https://www.facebook.com/photo.php>>. Acesso em 4 de novembro de 2012.

Transcorridos tantos séculos, ainda é posta em xeque a condição feminina. Elize, no dizer de Homi K. Bhabha, traz à tona o imperativo da negação: “A negação da mulher migrante – sua invisibilidade social e política – é usada em sua arte secreta de vingança, a mímica”. (p. 92)

Elize, Medeia e outras mulheres de igual ou semelhante natureza não desempenham bem o papel de *mélissa*, pois lhes faltam as virtudes de esposa ideal: silêncio, inferioridade, debilidade, fragilidade, passividade (Cf. GRILLO et al. 2011: 104). Elas são movidas por sentimentos opostos, a saber: amor e ódio. Essa ambivalência constante tende à agressividade, que não necessariamente se confunde com violência, salvo quando há o “emprego desejado da agressividade com fins destrutivos” (COSTA, 1986 In GRILLO et al. 2011: 235).

No caso de Medeia e Elize, há tanto agressividade quanto violência, posto que as duas são vitimadas por *éros* e *páthos*, investindo, direta ou indiretamente, contra o Outro. As enfermidades da alma, que têm origem na vida instintiva, contribuem, assim, para a determinação do destino dessas mulheres (Cf. JAEGER, 2003: 408). “De um lado estaria a razão masculina; de outro, a ‘des-razão’ feminina (...), produtora da desordem.” (“A loucura feminina na letra do texto” In Brandão, 2004: 51.56). Enquanto uma segue errante, a outra paga pelo erro com dupla privação: da liberdade e da filha.

A morte no olhar

A mão assassina

Amor, teu olhar...

A mãe assassina...

(Luciana Sousa, 15/08/2012)

No fundo do poço encontrei o enlace, a vida e a Morte, masculino e feminino, o Eu e o Outro, entredevorando-se como uma serpente que engole a própria cauda. Da treva e do delírio saltou a Morte de braços abertos: prostituta, donzela, promessa, danação. Ela me chamando, bêbada de mistério, eu precisava entender: quem me aguarda no regaço dela? Que silêncio, que novo linguajar?

(Lya Luft. **O quarto fechado**. P. 18)

Referências bibliográficas

BELLODI, Zina C. **Melhores poemas / Florbela Espanca** (seleção). – São Paulo: Global, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem** (1915-1921). Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin; tradução e Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. – São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2011.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRANCO, Lucia Castello e BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. – Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

BRUNEL, Pierre (direção). **Dicionário de mitos literários**; tradução Carlos Sussekind... [et al.]; prefácio à edição brasileira Nicolau Sevechenko. – 4ª. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. (Verbetes consultados: “Medeia” e “Medusa”)

EURÍPEDES (484? -406 a.C.). **Medeia**. Tradução de Miroel Silveira e Junia Silveira Gonçalves. São Paulo: Abril Cultural, 1976. Coleção Teatro Vivo.

_____. c. 480-406 a.C. **Medeia**. Edição bilíngue; tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira, comentário de Otto Maria Carpeaux. – São Paulo: Ed. 34, 2010.

FUNARI, Pedro Paulo; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da. **Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003.

GRILLO, José Geraldo Costa, org.; GARRAFONI, Renata Senna, org.; FUNARI, Pedro Paulo Abreu, org. **Sexo e violência: realidades antigas e questões contemporâneas**. – São Paulo: Annablumme, 2011.

JAEGER, Werner Wilhelm, 1888-1961. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução: Artur de Parreira. – 4ª. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RINNE, Olga. **Medeia – o direito à ira e ao ciúme**. Tradução Margit Martincic e Daniel Camarinha da Silva. – São Paulo: Ed. Cultrix, 2005.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. “Identidade e Subjetividade: Crítica Feminista” In _____. **Literatura e gênero: a construção da identidade feminina**. RS: EDUCS, 2006. P. 19-31.

Revistas

LAGE, Celina Figueiredo; DIAS, Maria Tereza. SCRIPTA CLÁSSICA ON-LINE. **Literatura, Filosofia e História na Antiguidade. Poema 64 de Catulo – Apresentação e Tradução**. Número 1. Tema: Contestações do Mito. Belo Horizonte: NEAM/UFMG, abril de 2003. <http://www.scriptaclassica.hpg.com.br>.

VEJA. Edição 2273. Ano 451, no. 24 – São Paulo: Ed. Abril. 13 de junho de 2012.